

BRINCAR DE DOBRAR: É TAMBÉM BRINCANDO QUE SUPERAMOS CATÁSTROFES

HERISON DE CARVALHO SILVA¹; ALESSANDRA GASPAROTTO²

¹Universidade Federal de Pelotas – herison.silva4@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este projeto se deu no âmbito do período de combate às fortes enchentes ocasionadas no estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente no município de Pelotas, localizado mais ao sul do estado, que gerou severas implicações na vida cotidiana de diversas famílias na cidade.

O projeto foi elaborado em conjunto ao grupo PET (Programa de Educação Tutorial) Diversidade e Tolerância, no qual sou bolsista. Este PET têm por premissa desenvolver os estudantes para atuar e dar a devolutiva dos conhecimentos adquiridos em suas trajetórias em suas formações na graduação, atravessados por esses dois conceitos, o de diversidade e o de tolerância. O programa é multidisciplinar, pois é composto atualmente por pessoas de diversos cursos e áreas do conhecimento, como Nutrição, Medicina, Terapia Ocupacional, Psicologia, Odontologia, Relações Internacionais, Filosofia Licenciatura e Ciências Sociais Licenciatura, sendo este último o curso que estou me graduando.

Um dos pré requisitos que contempla o programa é os alunos virem de uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, podendo ser autores sobre suas próprias histórias e experiências, isso é de fundamental importância para compreender a realidade de pessoas que passam por situações similares mesmo diante de tantas diferenças.

Foram desenvolvidas oficinas de *origami*, no esforço de promover atividades culturais para crianças de todas as idades que perderam seus lares temporariamente e ou permanentemente junto de suas famílias, ficando à mercê do trabalho voluntário prestado pela comunidade local nos abrigos. Este projeto teve a finalidade de dar um suporte, promovendo o conforto e exercício da criatividade dessas crianças para superar a tragédia anunciada que foram as enchentes de abril/maio deste ano, 2024.

Uma terrível tragédia que durou um mês segundo o jornal de notícias g1. As chuvas começaram no dia 27 de abril, mas tomou grandes proporções no dia 29 do mesmo mês. Mais de 170 pessoas morreram e 600 mil ficaram sem casa em todo o estado do Rio Grande do Sul. As áreas que foram mais afetadas foram as regiões dos vales no norte do estado, rios como Taquari, Caí, Pardo, Jacuí, entre outros. Também o rio Guaíba, em Porto Alegre, que consequentemente acabou descendo para a Lagoa dos Patos, em Pelotas e Rio Grande.

O *origami* é uma arte milenar de origem asiática, que consiste na atividade de formar figuras de papel, como animais, pessoas e objetos, a partir de dobraduras. Seu nome vem do japonês, *ori* (dobrar) e *kami* (papel), que, embora leve o nome em japonês não se tem exatidão de sua real origem (ONO e Barbosa, 2022). O *origami* foi a alternativa que busquei trabalhar, tendo em vista que ele estimula cognições motoras óculo-manauais, auxiliando a desenvolver a capacidade sensória das crianças através do tato e da visão, desenvolvendo percepções geoespaciais, e sensações como o prazer da realização de trabalho



cumprido, sendo considerado uma prática educativa e criativa, estimulando a sociabilidade pelo trabalho em grupo. PILLARECK (2010); e CRUZ (2002).

Esses últimos anos estão sendo bem marcados pelas terríveis mudanças climáticas que o mundo vem sofrendo. Estar preparado para esse “novo normal” que são essas catástrofes climáticas é também estar apto para prestar suporte social ao que está ao nosso alcance. Promover uma atividade de extensão, para além dos ganhos intelectuais acadêmicos, é também nos preparar para o trabalho coletivo voluntário para prestar assistência para as pessoas mais fragilizadas e vulneráveis em situações como essas.

2. METODOLOGIA

Para realização do projeto de extensão necessitamos das disponibilidades e organização dos abrigos. As oficinas se deram de modo expositivo em que eu, o oficineiro, realizava as dobraduras ao mesmo passo em que cada criança, com sua folha de papel, iam repetindo o passo-a-passo. Os meus colegas do Programa ajudaram na função de dar suporte para as crianças que tinham mais dificuldades em efetuar as dobraduras. Contando com a presença de inúmeras crianças foi necessária essa organização do apoio coletivo dos meus colegas para que conseguíssemos atender a todos que estavam participando.

Realizamos duas oficinas na AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil), que ficava na Rua Cel. Alberto Rosa, número 580, em semanas distintas e uma na colônia Z3, que foram abrigados no salão paroquial João Paulo II, ambos situados na cidade de Pelotas. Além de realizarmos uma oficina na praça Coronel Pedro Osório em um evento chamado “Solidariedade na rua”, organizado por movimentos sociais, sindicatos e a comunidade local em geral.

A Colônia de Pescadores Z3 fica situada na zona rural do município de Pelotas, às margens da Lagoa dos Patos. As principais atividades comerciais locais são, evidentemente, a pesca artesanal e o turismo, que consequentemente advém da prática da pesca dos colonos. Não se há uma precisão exata do número de habitantes, contudo há uma estimativa de 3.221 habitantes, aproximadamente 1.200 famílias, em que o número de pescadores artesanais com registro em carteira (censo demográfico realizado em 2002), é de 1.031 pessoas, já os trabalhadores informais está em torno de 400 pessoas. (FIGUEIRA, 2009).

“Destes 3.221, 28,7% são menores de 18 anos (924 pessoas) sendo 61,3% crianças menores de 12 anos (566 crianças). A renda média familiar mensal gira em torno de R\$ 257,98.” SILVA & DA CRUZ (2008 apud FIGUEIRA, 2009). Nesses dados nos deparamos com duas informações preocupantes da região, primeiro, a renda média familiar, denotando a pobreza vivida pelos moradores de lá. E a segunda, e não menos importante, a estimativa de crianças e adolescentes, que consequentemente se encontram em tais condições precárias junto de suas famílias.

Foi ensinado de dois a três origamis por oficina, de forma mista, origamis básicos, sendo eles: borboleta, cisne, tsuru, sapo que pula, coração e dinossauro.

Essa oficina foi projetada para atender crianças de diversas idades, sendo um dos maiores desafios o ensino da dobradura para as idades mais novas entre 4 e 8 anos, faixa etária em que as crianças estão desenvolvendo certas cognições motoras como a motricidade fina, tal qual o movimento de pinça que se faz uso dos dedos indicadores e polegares. CRUZ (2002)



As atividades com origami, enquanto as mãos se movimentam, ativam os dois lados do cérebro. As zonas do tato, motora e visual estão em atividade e os sentimentos são de satisfação, orgulho e alegria ao completar uma dobradura. Outros benefícios do origami são: desenvolvimento da inteligência espacial, atenção, paciência, memória e imaginação. (PILLAREK, 2010, p. 2)

Pensar nesse projeto executado não me deixa escapar às possíveis articulações que podem ser geradas entre a pesquisa e o ensino. O ensino vem por um caráter direto com o projeto, pois como mencionado anteriormente o origami estimula diversas funções cognitivas, sensoriais, criativas, motoras entre outras. O uso do origami como recurso metodológico de práticas pedagógicas tem tomado cada vez mais proporções no campo da pedagogia no ensino dos anos iniciais escolares.

Agora, a se pensar nesta pesquisa há uma possibilidade de investigação dos impactos reais e práticos do uso do origami na educação, assim como ganhos para a realização de tarefas óculo-manauais, o exercício da memória, do foco e da concentração. Tendo em vista que o acesso das crianças a equipamentos eletrônicos como smartphones, tablets, entre outros, tem atrapalhado a capacidade de desenvolvimento de habilidades como a própria escrita e leitura por falta de concentração. (LUCIANO, MAIA, MATIAS e VANALI, 2024).

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Para a realização deste projeto enfrentamos diversos obstáculos, um deles que não poderia deixar de ser narrado foi a ida até a colônia Z3, ao qual o acesso por rodovia estava tão limitado que precisamos ir em um caminhão do exército até o local, enfrentando chuvas, ventos fortes e áreas alagadas.

Este trabalho encontra-se finalizado tendo em vista que ele surgiu para atender a sociedade em períodos de crises climáticas. Realizamos cinco oficinas para o público infantil.

Avalio os ganhos deste projeto pela satisfação das crianças em poder usar da criatividade e ter momentos de lazer e descontração principalmente pela grande maioria delas não terem tamanha compreensão do que estavam passando no sentido das implicações práticas da vida.

Em primeiro momento observo as mudanças que esse trabalho ocasionou a mim, pois presenciar de perto as condições que muitas famílias que acabaram por ficar desassistidas, por diversos setores públicos, dada a imensa demanda do atendimento do maior número possível de pessoas, me colocou a refletir sobre aspectos de ações coletivas e a importância da soma numérica de pessoas em prol de minimizar as angústias de tamanha catástrofe. E o ganho para a comunidade em geral foi poder fornecer, ainda que ínfimo, o exercício da cidadania para pessoas que se encontravam em condições tão vulneráveis.

4. CONSIDERAÇÕES

Retomando a ideia de um novo normal em que a espécie humana e todo o planeta está enfrentando ante as crises climáticas, é evidente um dos principais



impactos sociais que a realização desse e de muitos outros projetos, que foram nessa linha do voluntariado solidário, que é o de estabelecer e fortalecer redes sociais de apoio para enfrentamento e combate de tamanhas catástrofes, mesmo que seja para trazer um pouco mais de conforto e alento para vítimas que tiveram que passar por tamanho desconforto de perderem seus lares, temporariamente e ou permanentemente. Sem alarmismo, práticas solidárias para eventos climáticos podem a vir ser mais recorrentemente necessárias tendo em vista as emergências climáticas globais.

Pensando na situação das crianças em meio a tragédias como esta vivida, propor atividades lúdicas como o origami, evocando a ocupação prima das crianças, que é o brincar, sendo esta a ação que as representam no meio social que estão inseridas, CRUZ (2002), é proporcionar uma possibilidade de superação no intuito de garantir bases mínimas para que compreendam e assimilem o que estamos todos passando.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, S. O. C. Origami: uma aprendizagem para a vida. **Revista A MARgem**, Uberlândia, SP, v. 19, n. 1, jan.-jul., 2022.

CRUZ, D. M. C. Terapia ocupacional com crianças portadoras de necessidades especiais: uma análise do Origami como proposta de estimulação psicomotora. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, SP, v. 10, n. 2, p. 119 – 128, 2002.

LUCIANO, V. M. A. P.; MAIA, K. M.; MATIAS, W. T.; VANALI, R. C. Os impactos relacionados ao uso de ferramentas digitais no desenvolvimento motor e cognitivo durante a infância. **Conexões Interdisciplinares**. Juazeiro do Norte, v.1. n.1. p. 1 - 12, 2024.

PILLARECK, M. E. Uso do origami como recurso pedagógico. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**, Paraná, v. 1, 2010.

FIGUEIRA, M. C. **Colônia de Pescadores Z3, Pelotas - RS: da Crise na Pesca à Expansão do Turismo com Base no Patrimônio Cultural**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.

G1. Enchente no RS deixa um terço da cidade de Pelotas debaixo d'água.
G1, São Paulo, 11 mai. 2024. Meio Ambiente. Acessado em 08 set. 2024. Online. Disponível em:
<https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2024/05/11/enchente-no-rs-deixa-um-terco-da-cidade-de-pelotas-debaixo-dagua.ghtml>

G1. Um mês de enchentes no RS: veja cronologia do desastre que atingiu 471 cidades, matou mais de 170 pessoas e expulsou 600 mil de casa. G1, Rio Grande do Sul, 29 mai. 2024. Meio Ambiente. Acessado em 09 out. 2024. Online. Disponível em:
<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchente-s-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml>